

De como Kolka Pánkin voou para o Brasil e Piétka Ierchov não acreditou em nada

Daniil Kharms¹

Tradução: Belkiss J. Rabello²

1. Kolka Pánkin decidiu ir para algum lugar mais distante.
 - Eu vou para o Brasil – disse ele a Piétka Ierchov.
 - E onde fica esse tal de Brasil? – perguntou Piétka.
 - O Brasil fica na América do Sul – disse Kolka. – Lá faz muito calor, lá moram macacos e papagaios, crescem palmeiras, voam beija-flores, circulam animais ferozes e vivem tribos selvagens.
 - Índios? – perguntou Piétka.
 - Parecidos com índios – disse Kolka.
 - E como se chega lá? – perguntou Piétka.
 - De aeroplano ou de navio – disse Kolka.
 - E você vai de quê? – perguntou Piétka.
 - Eu vou de aeroplano – disse Kolka.
 - E onde você vai achar um? – perguntou Piétka.
 - Vou até o aeródromo, peço e me dão – disse Kolka.
 - Mas quem é que lhe dará isso? – perguntou Piétka.
 - É que eu conheço todo mundo lá – disse Kolka.
 - Quem é que você conhece lá? – perguntou Piétka.
 - Muita gente – disse Kolka.

¹ Daniil Ivanovitch Iuvatchov – Daniil Kharms (1905-1942), escritor que percorreu uma breve trajetória literária, há pouco começou a ser descoberto por tradutores brasileiros e, conseqüentemente, também pelo público leitor. Ainda que lento, esse decurso parece, enfim, situar Kharms entre os mais importantes escritores russos do século XX. Embora o conjunto de sua obra circulasse clandestinamente entre intelectuais e o meio “underground” de sua época, na Rússia soviética Daniil Kharms era oficialmente conhecido apenas como autor de histórias para crianças. Curiosamente, o texto *De como Kolka Pánkin Voou para o Brasil e Pietka Ierchov Não Acreditou em Nada* (1928) foi classificado como parte de sua literatura infantil.

² Belkiss Rabello cursou Letras Modernas e Vernáculas na USP, onde também se especializou em tradução da língua francesa. Em 2009, defendeu sua dissertação de mestrado, *As Cartilhas e os Livros de Leitura de Lev N. Tolstói*. Da língua russa, traduziu textos de literatura infantil escritos por Lev Tolstói e por Kornei Tchukóvski. Traduz Daniil Kharms desde a década de 1990.

– Não, você não conhece ninguém lá – disse Piétka.

– Conheço, sim! – disse Kolka.

– Não, não e não! – disse Piétka.

– Conheço, sim!

– Não, não e não!

– Conheço, sim!

– Não e não!

Kolka Pánkin e Piétka Ierchov decidiram ir ao aeródromo na manhã seguinte.

2. No dia seguinte, Kolka Pánkin e Piétka Ierchov saíram de casa de manhã cedo. O aeródromo ficava longe para irem a pé, mas, como o tempo estava bonito, e não havia dinheiro para o bonde, Kolka Pánkin e Piétka Ierchov foram caminhando.

– Vou para o Brasil custe o que custar – disse Kolka.

– E você vai me escrever? – perguntou Piétka.

– Vou – disse Kolka. – E quando eu voltar, vou lhe trazer um macaco.

– E pássaro, você vai trazer? – perguntou Piétka.

– Claro que vou trazer pássaro – disse Kolka. – Você quer um beija-flor ou um papagaio?

– Qual é melhor? – perguntou Piétka.

– Papagaio é melhor, ele sabe falar – disse Kolka.

– E ele sabe cantar? – perguntou Piétka.

– Também sabe cantar – disse Kolka.

– Ele lê partituras? – perguntou Piétka.

– Não, não lê. Mas, se você cantar alguma coisa, o papagaio vai repetir.

– Então você vai me trazer um papagaio sem falta? – perguntou Piétka.

– Sem falta – disse Kolka.

– Vai mesmo? – disse Piétka.

– Se eu disse que vou, é porque vou – disse Kolka.

– Será que vai mesmo? – disse Piétka.

– Vou, sim! – disse Kolka.

– Não vai! – disse Piétka.

– Vou! – disse Kolka.

– Não vai!

– Vou!

– Não vai!

– Vou!

– Não vai!

E, então, Kolka Pánkin e Piétka Ierchov chegaram ao aeródromo.

3. No aeródromo, tudo era muito interessante. Os aeroplanos corriam na pista um após o outro, e depois: um, dois, três e, em seguida, flutuavam no ar; primeiro voavam baixo, depois mais alto, depois mais alto ainda, depois giravam no mesmo lugar e saíam voando. Na pista, havia ainda cerca de oito aeroplanos também prontos para decolar e voar. Kolka Pánkin escolheu um deles e, apontando-o para Piétka Ierchov, disse:

– Eu vou voar para o Brasil naquele aeroplano lá.

Piétka tirou o quepe e coçou a cabeça. Colocou o quepe novamente e perguntou:

– E vão dar esse aeroplano para você?

– Vão – disse Kolka. – Um dos aviadores ali é meu conhecido.

– Conhecido? E como ele se chama? – perguntou Piétka.

– Fácil: Pável Ivánovitch – disse Kolka.

– Pável Ivánovitch? – confirmou Piétka.

– É isso – disse Kolka.

– E você vai pedir a ele? – perguntou Piétka.

– Claro. Vamos juntos e você vai ver – disse Kolka.

– E se ele não lhe der o aeroplano? – perguntou Piétka.

– Como não vai dar? Vou pedir e ele vai me dar – disse Kolka.

– E se você não pedir? – perguntou Piétka.

– Vou pedir! – disse Kolka.

– E se você tiver medo? – perguntou Piétka.

– Não, não vou ter! – disse Kolka.

– Mentira! – disse Piétka.

– Não, não é mentira! – disse Kolka.

- Mentira! – disse Piétka.
- Não, não é mentira! – disse Kolka.
- Mentira!
- Não, não é mentira!
- Mentira!
- Não, não é mentira!

Kolka Pánkin e Piétka Ierchov correram até o aviador.

4. O aviador estava ao lado do aeroplano, lavando alguns parafusos num pequeno balde com gasolina. Ele estava todo vestido de couro e, perto dele, no chão, estavam as suas luvas de couro e seu capacete de couro.

Kolka Pánkin e Piétka Ierchov aproximaram-se.

O aviador retirou os parafusos da gasolina, colocou-os num canto da aeronave, colocou os outros parafusos na gasolina e começou a lavá-los.

Kolka olhou, olhou e disse:

– Olá, Pável Ivánovitch!

O aviador olhou primeiro para Kolka, depois para Piétka e, depois, virou-se novamente. Kolka esperou, esperou e disse outra vez:

– Olá, Pável Ivánovitch!

O aviador, então, olhou primeiro para Piétka, em seguida para Kolka e depois disse, coçando uma perna com a outra:

– Eu não me chamo Pável Ivánovitch, mas Konstantin Konstantínovitch, e não conheço nenhum Pável Ivánovitch.

Piétka escondeu o riso atrás da mão, Kolka deu-lhe um bofetão, Piétka fez cara séria e Kolka disse ao aviador:

– Konstantin Konstantínovitch, Piétka Ierchov e eu decidimos voar para o Brasil. O senhor pode nos emprestar o seu aeroplano?

O aviador começou a gargalhar:

– Ah, ah, ah! Ah, ah, ah! Quer dizer que vocês decidiram mesmo voar para o Brasil?

– Sim – disse Kolka.

– E o senhor voará conosco? – perguntou Piétka.

– O que é que vocês estão pensando? – gritou o aviador. – Que vou lhes emprestar uma máquina destas a troco de nada? Estão brincando. Mas, se me pagarem, eu poderei levá-los ao Brasil. O que vocês me dariam em troca?

Kolka vasculhou os bolsos, mas não encontrou nada.

– Dinheiro, nós não temos – disse ele ao aviador. – Daria para nos levar mesmo assim?

– Não, assim não levarei – disse o aviador, e virou-se para reparar algo no aeroplano.

De repente, Kolka gesticulou e gritou:

– Konstatin Konstantínovitch! Quer um canivete? Ele é muito bom, tem três lâminas. Duas, é claro, quebradas, mas uma está inteira e bem afiada. Certa vez eu as enfiei numa porta e perfurei-a de um lado ao outro.

– Quando foi isso? – perguntou Piétka.

– Não é da sua conta! Foi no inverno! – zangou-se Kolka.

– E que porta foi essa que você furou de um lado ao outro? – perguntou Piétka.

– Aquela, do quarto de despejo – disse Kolka.

– Mas ela está inteirinha – disse Piétka.

– É que colocaram uma nova – disse Kolka.

– Não, não colocaram, a porta é velha – disse Piétka.

– Não, é nova – disse Kolka.

– E você, devolva-me meu canivete – disse Piétka. – O canivete é meu, eu o emprestei apenas para cortar a corda do varal e você acabou ficando com ele.

– Como assim, “seu” canivete? O canivete é meu – disse Kolka.

– Não, ele é meu! – disse Piétka.

– Não, é meu! – disse Kolka.

– Não, meu! – disse Piétka.

– Não, meu!

– Não, meu!

– Tudo bem, basta – disse o aviador. – Embarquem no aeroplano, rapazes, vamos voar para o Brasil.

5. Kolka Pánkin e Piétka Ierchov estavam no aeroplano, voando para o Brasil. Era muito interessante. O aviador sentou-se no assento da frente, via-se apenas o seu capacete. Tudo estava bastante agradável, mas o motor fazia muito barulho e era difícil falar. E, se espiassem do aeroplano para a terra... nossa, que sensação. Era de tirar o fôlego. Tudo lá embaixo era pequeno e revirado.

– Piet-ka! – grita Kolka. – Veja que cidade torta!

– O quê-ê-ê? – grita Piétka.

– A ci-da-de! – grita Kolka.

– Não es-cu-to! – grita Piétka.

– O quê-ê-ê? – grita Kolka.

– O Brasil é daqui a pouco? – grita Piétka.

– Em que Vrasil? – grita Kolka.

– O gorro vo-o-u! – grita Piétka.

– Quanto? – grita Kolka.

– Ontem! – grita Piétka.

– América do Norte! – grita Kolka.

– Na-vi-da-ri-tu-ba! – grita Piétka.

– O quê? – grita Kolka.

– De repente, os ouvidos começaram a zumbir e o aeroplano foi descendo aos poucos.

6. O aeroplano pulou num chão acidentado e parou.

– Chegamos – disse o piloto.

– Kolka Pánkin e Piétka Ierchov olharam ao redor.

– Piétka – disse Kolka –, veja como é o Brasil.

– É o Brasil? – perguntou Piétka.

– Ele mesmo, seu idiota, não está vendo? – disse Kolka.

– E o que é aquilo ali correndo?

– Onde? Ah! estou vendo – disse Kolka. – São aborígenes selvagens.

– Olhe só! eles têm cabeças brancas. Fizeram um penteado com grama e palha.

– Por quê?

- Porque sim.
- Veja, para mim parece que o cabelo deles é assim mesmo.
- Eu já disse que são plumas – disse Kolka.
- Não, é cabelo – disse Piétka.
- Não, são plumas! – disse Kolka.
- Não, é cabelo!
- Não, são plumas!
- Não, é cabelo!
- Bem, desçam do aeroplano – disse o aviador. – Eu preciso ir embora.

7. Kolka Pánkin e Piétka Ierchov desceram do aeroplano e foram na direção dos aborígenes. Os aborígenes eram de baixa estatura, sujos e branquicelos. Ao verem Kolka e Piétka, os aborígenes pararam. Kolka deu um passo à frente, estendeu a mão direita e disse:

– Oach! – disse-lhes ele em língua indígena.

Os aborígenes ficaram boquiabertos.

– Gapakuk! – disse-lhes Kolka em língua indígena.

– O que você está dizendo? – perguntou Piétka.

– Estou conversando com eles em língua indígena – disse Kolka.

– E como você sabe falar a língua indígena? – perguntou Piétka.

– É que eu tinha um livrinho e estudei por ele – disse Kolka.

– É pura mentira! – disse Piétka.

– Não amole! – disse Kolka. – Inán koz! – disse ele em língua indígena aos aborígenes.

De repente, os aborígenes caíram na risada.

– Kerék erí ialé – disseram os aborígenes.

– Ara tóki – disse Kolka.

– Mita? – perguntaram os aborígenes.

– Chega, vamos embora – disse Piétka.

– Pilguedraú! – gritou Kolka.

– Perkília! – começaram a gritar os aborígenes.

– Kulmegunki! – gritou Kolka.

– Perkília! Perkília! – gritaram os aborígenes.

– Vamos correr! – gritou Piétka. – Eles querem briga.

Tarde demais. Os aborígenes foram para cima de Kolka e começaram a bater nele.

– Socorro! – gritou Kolka.

– Perkília! – gritaram os aborígenes.

– Mu-uuu – mugiu uma vaca.

8. Depois de bater bem em Kolka, os aborígenes fugiram, jogando punhados de terra para o alto. Kolka ficou descabelado e todo amarrotado.

– Pié-pié-pié-pié-tka – disse ele, gaguejando. – Viu só como eu arrebentei com os abo-rí-rí-rí-gines? Um pra-a-a-pra cá e outro pra-pra-pra-pra lá.

– Mas não foram eles que espancaram você? – perguntou Piétka.

– Que nada! – disse Kolka. – Eu é que os peguei: pá, pum! pá, pum! pá, pum!

– “Mu-uuu” – de repente soou, ao lado da orelha de Kolka.

– Ai! – Kolka soltou um grito e fugiu.

– Kolka. Ko-olka-aa-a! – gritava Piétka.

Mas Kolka fugia numa corrida desabalada.

Corriam e corriam,

corriam e corriam,

corriam, corriam e Kolka só parou quando chegaram à floresta.

– Ufa! – disse ele sem fôlego.

Piétka estava tão ofegante devido à correria que não conseguiu falar nada.

– E o bisão, hem? – disse Kolka retomando o fôlego.

– Quê? – perguntou Piétka.

– Você não viu o bisão? – perguntou Kolka.

– Onde? – perguntou Piétka.

– Onde, onde, ali. Ele veio pra cima de nós – disse Kolka.

– Será que não era uma vaca? – perguntou Piétka.

– Mas que vaca, que nada. No Brasil não há vacas – disse Kolka.

– Mas será que os bisões andam com sininhos no pescoço? – perguntou Piétka.

– Andam, – disse Kolka.

– De onde será que vêm esses sininhos?

– Dos aborígenes. Os aborígenes sempre capturam os bisões, amarram-lhes sininhos e os soltam.

– Por quê? – perguntou Piétka.

– Porque sim – disse Kolka.

– Mentira, os bisões não andam com sininhos, aquilo era uma vaca – disse Piétka.

– Não, um bisão! – disse Kolka.

– Não, uma vaca! – disse Piétka.

– Não, um bisão!

– Não, uma vaca!

– Não, um bisão!

– Mas onde é que estão os papagaios? – perguntou Piétka.

9. Kolka Pánkin nem sabia o que falar.

– Que papagaios? – perguntou ele a Piétka Ierchov.

– Mas você tinha me prometido capturar papagaios quando chegássemos ao Brasil.

Se aqui é o Brasil, então deve haver papagaios – disse Piétka.

– Não se veem papagaios, mas, em compensação, olhe: lá estão os beija-flores – disse Kolka.

– São eles lá no pinheiro? – perguntou Piétka.

– Não é um pinheiro, é uma palmeira – ofendeu-se Kolka.

– Mas nas ilustrações as palmeiras são diferentes – disse Piétka.

– Nas ilustrações são diferentes, e no Brasil são assim – zangou-se Kolka. – É melhor olhar aqui, veja que beija-flores.

– São parecidos com os nossos pardais – disse Piétka.

– Sim, são parecidos – concordou Kolka –, mas são mais baixinhos.

– Não, mais altos – disse Piétka.

– Não, mais baixos – disse Kolka.

– Não, mais altos – disse Piétka.

– Não, mais baixos – disse Kolka.

– Não, mais altos!

– Não, mais baixos!

De repente, ouviu-se um barulho atrás de Kolka e de Piétka.

10. Kolka Pánkin e Piétka Ierchov viraram-se.

Um monstro avançava na direção deles.

– O que é isso? – assustou-se Kolka.

– É um automóvel – disse Piétka.

– Não pode ser! – disse Kolka. – Como é que pode haver automóvel no Brasil?

– Não sei – disse Piétka –, mas tenho certeza de que é um automóvel.

– Não pode ser! – disse Kolka.

– Mas eu estou lhe dizendo que é um automóvel! – disse Piétka.

– Não, não pode ser – disse Kolka.

– Sim, pode!

– Não, não pode!

– E então, está vendo agora que é um automóvel? – perguntou Piétka.

– Estou, mas é muito estranho – disse Kolka.

Enquanto isso, o automóvel aproximou-se mais.

– Hei, vocês, rapazes – gritou um homem de dentro do automóvel. – O caminho para Leningrado fica à direita ou à esquerda?

– Para qual Leningrado? – perguntou Kolka.

– Como para qual? Pra que lado fica a cidade? – perguntou o chofer.

– Não sabemos – disse Piétka e, em seguida, abriu um berreiro.

– Ai, tio – dizia ele em prantos –, leve-nos para a cidade.

– Quer dizer que vocês são da cidade? – perguntou o chofer.

– Somos, sim – berrou Piétka –, da rua Mokhováia.

– E como é que vocês vieram parar aqui? – admirou-se o chofer.

– É que o Kolka – berrava Piétka – prometeu me levar para o Brasil e me trouxe para cá.

– Para o Brussílovo... Brussílovo... Esperem. O Brussílovo fica mais adiante, para os lados da província de Tchernígov³ – disse o chofer.

– Província de Chelígov... República do Chile... Chile... Fica mais ao sul, ali, onde está a Argentina. O Chile fica às margens do Oceano Pacífico – disse Kolka.

– Tio – Piétka começou a choramingar –, leve-nos para casa.

– Está bem, está bem – disse o chofer. – Entrem, o automóvel está vazio mesmo. Mas sei que o Brussílovo não é aqui, esse Brussílovo fica na província de Tchernígov.

E eis que Kolka Pánkin e Piétka Ierchov voltaram para casa de automóvel.

11. No começo, Kolka Pánkin e Piétka Ierchov viajaram em silêncio. Depois, Kolka olhou para Piétka e disse:

– Piétka – disse Kolka –, você viu o condor?

– Não – disse Piétka. – E o que isso significa?

– Significa um pássaro – disse Kolka.

– Grande? – perguntou Piétka.

– Muito grande – disse Kolka.

– Maior que os corvos? – perguntou Piétka.

– O quê? É o maior pássaro que existe – disse Kolka.

– Mas eu não o vi – disse Piétka.

– Mas eu vi. Ele estava na palmeira – disse Kolka.

– Em qual palmeira? – perguntou Piétka.

– Naquela onde também estava o beija-flor – disse Kolka.

– Não era uma palmeira, era um pinheiro – disse Piétka.

– Não, era uma palmeira! – disse Kolka.

– Não, era um pinheiro! – disse Piétka. – Palmeiras crescem apenas no Brasil, aqui elas não crescem.

– Mas nós estivemos no Brasil – disse Kolka.

– Não, não estivemos! – disse Piétka.

– Estivemos, sim! – disse Kolka.

– Não es-ti-ve-mos – gritou Piétka.

³ Cidade localizada a 140 quilômetros ao norte de Kíev.

- Estivemos, estivemos e estivemos, es-ti-ve-mos! – gritou Kolka.
- À frente já dá para ver Leningrado – disse o chofer, apontando com a mão as chaminés e os telhados voltados para o céu.

Fim